



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

20 de Setembro de 2003 • Ano LX • N.º 1553
Preço: € 0,30 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 - Fax 255753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239



ENCONTROS EM LISBOA

A vida numa Casa do Gaiato

PERGUNTARAM-ME quantos vigilantes tínhamos nós em nossa Casa. Respondi que nenhum. Fiquei estupefacto com a estupefacção vista no rosto de meu interlocutor. Há coisas que para nós são tão naturais que nem nos apercebemos da novidade que carregamos ao longo dos nossos dias...

Com calma pus-me a reflectir sobre o porquê daquela admiração toda e cheguei a algumas conclusões sobre a nossa forma de ser nova, em contraste com todos os processos burocráticos vindos de outras instituições oficiais ou não. A pergunta nascia de uma forma de encarar os rapazes, a resposta vinha de outra forma de os ver e estar com eles.

Quem quiser compreender a vida numa Casa do Gaiato, tem que entender a simplicidade de uma afirmação, da qual dimana todo o resto: Nós confiamos nos rapazes. Confiamos que eles querem o melhor para a sua Casa e para aquilo que é deles. Confiamos que querem construir o seu futuro de dignidade. Confiamos que são generosos em colocar ao serviço dos outros os seus dons e a sua inteligência. Confiamos na novidade revolucionária de Pai Américo: «Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes».

Quando chega um novo rapaz a nossa Casa, rapidamente se deixa envolver por esta confiança que nele depositamos. Tenho como experiência que, ao chegar um novo elemento, me devo dispor a, durante algum tempo, ele me ir chamar a fim de ver as suas realizações. Há dias, perguntei a um porque é que lá na terra fazia tantos disparates, quando era capaz de fazer coisas tão bem feitas. A resposta veio rápida: «Nunca me deixavam fazer nada». Dito de outra maneira, nem a loiça lhe deixavam lavar e, quando se saía de casa,

ele ficava na rua, porque era impensável deixá-lo dentro de casa ou com acesso a ela.

Com todas as dores de cabeça que este processo possa gerar, estou em crer que não podemos ir por outro caminho ou seria o desvirtuamento de todo o caminho novo que Pai Américo vislumbrou. Confiar no rapaz é confiar na sua dignidade humana e nas realizações que a graça de Deus pode gerar. É a aprendizagem da responsabilidade dia após dia, formando dessa maneira a sua consciência para seguir o bem e evitar o mal.

No nosso largo, sentados nos bancos, muitas vezes se travam conversas. Com um grupo dos seus 16 a 18 anos coloquei-lhe a questão: Dizem que nós não temos vigilantes e vê-se isso como um mal muito grande. O que é que vocês pensam? Logo seguiram comentários em catadupa: «Nós não precisamos disso». «Era mais um pendura que aparecia para aí». «Seria bom ver o vigilante a ser vigiado por toda a gente, passávamos o dia a jogar ao esconde-esconde». «Então, não confiam na gente?» «O que fazíamos nós depois, andávamos aqui como cordeirinhos às ordens desses senhores?» «Seria mesmo bonito de ver, a gente está habituado a viver assim, com os nossos chefes e cá nos vamos entendendo». «A gente sabe que comete erros, mas podemos corrigir e depois as coisas até andam melhor». «Eh, senhor padre! Eu até gostava de ver, mas não queria cá estar, só gostava de ver de fora»...

Fui ouvindo os comentários e, no meu espírito, recordei uma carta de Padre Américo, nos anos cinquenta, dirigida a Padre Adriano, onde afirmava que a experiência tinha demonstrado que o rumo traçado de confiar nos rapazes estava certo. A esta distância de cinquenta anos é bom ver esta verdade confirmada pela experiência dos próprios rapazes... Que o ânimo não falte para continuar com esta verdade!

Padre Manuel Cristóvão

Malanje

A pobreza do Ocidente

«A pobreza do Ocidente — disse a Madre Teresa de Calcutá — é uma pobreza espiritual, de gente que não acredita em Deus e não reza, gente insatisfeita com aquilo que faz, gente que não sabe sofrer e se abandona ao desespero.»

Onde está a alegria? Fugiu a alegria. E temos tudo:

Boas casas. Ricos colchões para a noite. Não falta vestuário e comida, até vestidos a mais e gordura em excesso. Divertimentos e passeios sem conta.

Como não alegria?

Em vão, há anos, em ocasião de con-

pras de Natal, procurei um sorriso nas ruas da baixa de Lisboa... Nada, não!

Os nossos deuses não dão alegria... E o Verdadeiro, nós o afastamos diplomaticamente.

Batalha difícil

ERA um pequenito quando entrou em nossa Casa. Não venceu o hábito do roubo. Cresceu e veio a liamba aguçar a nossa luta. Fora de Casa; perdoado e dentro. Dentro e outra vez fora. Quantas vezes?!

Neste último mês apareceu todos os dias — sujo e com fome.

«Não aguento mais, deixe-me ir para a Carianga tratar dos porcos» — disse-me.

Filho pródigo?

Continua na página 3

PRATICANDO O BEM

Semana de Pastoral Social

DURANTE o tempo possível, participei na Semana Nacional de Pastoral Social, realizada em Fátima, de 1 a 5 de Setembro, sobre Imigração Humanizada.

A absorvência dos encargos não me permitiu mais de dois dias.

Alegrei-me, naturalmente, por ver a Igreja voltada com especial atenção para o imigrante: esclarecendo, reivindicando e manifestando a Sua face maternal para com o homem ou mulher que, por procurar vida em meio estranho, se sente mais fragilizado.

A Fé da Igreja nasce, exactamente, da revelação de Deus a um homem nestas condições.

É Deus quem manda a Abraão: — *Deixa a tua terra, a tua família, a casa de teu pai e vai para a terra que Eu te enviar.*

E Abraão partiu.

É lá, nessa terra estrangeira, que Ele tomou posse de Abraão e este de Deus.

Fizeram uma comunhão tão profunda ao ponto de o imigrante se dispor imolar-Lhe o seu filho único.

Parece, por isso, ser a condição ideal para os humanos compreenderem a real dependência de Deus, a Sua grandeza e o valor da opção por Ele.

Já os próprios conselhos evangélicos de pobreza, de obediência e de castidade nos colocam no meio dos homens em circunstâncias semelhantes às dos imigrantes, quando vividas na realidade da vida.

Sem bens. Disponíveis e sós. Com uma apetência natural instintiva de buscar Deus e aonde Ele se manifesta de forma mais sensível: nos pobres, nas crianças e jovens abandonados, nos doentes sem cura, sem família e sem abrigo.

O imigrante é também ele a manifestação de Deus que vem até nós.

Ao longo da História Bíblica encontramos muitas recomendações divinas relativas ao carinho que o Povo de Deus deve dispensar ao estrangeiro que mora consigo.

Nas Conferências a que assisti utilizou-se uma linguagem moderna, falando de vantagens sociais, culturais e económicas da imigração, de processos dinâmicos e interactivos entre o imigrante e a população acolhedora, de direitos e deveres, de capital humano, de facilidade de comunicação, de desafios ligados à integração dos imigrantes e igualdade destes em qualquer parte do mundo com todos os homens desta aldeia global, etc.

Desenvolveu-se muita doutrina e muita teoria; base importante, sim, delícia do espírito de quem ouve, mas não bastante para mover o coração.

Passar da teoria à prática é o mais difícil.

Quem ama Deus em obras e verdade e veja no estrangeiro um Cristo debilitado a quem se deve dar mais atenção e, dá-la mesmo é outra coisa.

Para tal não é preciso grandes explicações.

Quando se ama, tudo se torna intuitivo — o que é mais importante — sem que o resto seja desprezível.

A minha experiência com imigrantes vai do óptimo ao fraco. Como a de qualquer pessoa.

Dar-lhes o seu valor e compensá-los pela ausência afectiva e outras a que estão sujeitos, é dever de qualquer homem e muito mais do Cristiano.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

CONTA DA FARMÁCIA
— Este é o maior problema dos nossos Pobres.

Aliás, procuramos servi-los, neste caso, o melhor possível, porque sabemos que a saúde de alguns é tão precária que não dispensa o receituário do médico que os atende.

A propósito: uma viúva já de muita idade é tão doente que diz: «tenho muita vergonha de vos pedir tanto, tantas vezes, mas a minha doença é muito dolorosa — como sabem.»

E é!...

A delicadeza desta gente é verdadeiramente extraordinária — porque são Pobres.

Outra mulher, cujo marido gasta uma fortuna na farmácia, já tem chegado a dizer, como os Pobres sabem..., que já não tem coragem de voltar a pedir-nos remédios!

Esta atitude surpreende-nos e fomos por aí fora, por nossa mão, procurá-la. Merece a nossa entrega.

PARTILHA — Esta é a coluna dos nossos Amigos, que lembram os nossos Pobres com tanta generosidade. Uma vez mais, outras menos, conforme o tempo e tudo o mais.

Abre a pequena coluna a nossa assinante 5963, de Paço de Arcos, que aparece assiduamente com o coração nas mãos, desta vez com 200 euros. Deus lhe pague.

Outra presença muito certa: o assinante 53241, do Luso, com 25 euros «relativos à contribuição do mês de Agosto, que darão o destino que acharem por mais conveniente, em relação às necessidades prementes, que vós melhor conheceis, visto que as vereis mais de perto».

Mais 25 euros, da assinante 67536, de Lagoa — Algarve, com «modesta ajuda, uma gota

no oceano das necessidades, mas enviada do fundo do meu coração», disse.

São ofertas riquíssimas! É o amor aos Pobres, por todos os que sofrem.

Uma remessa de roupa, da assinante 12765, de Almeida. Cem euros, da assinante 60788, do Porto. Mais 50 ditos, da assinante 43689, de Monte Estoril.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

REGRESSO DA PRAIA

— Ficamos sempre com saudades dos mergulhos no mar e das corridas até Mindelo.

A nossa casa esteve em obras. Fora da porta, à frente da cozinha, temos, agora, uma copa e o terreno em volta está liso para podermos brincar à vontade.

PISCINA

— Está quase a terminar porque vamos começar as aulas. Há muitos rapazes que a não utilizam porque lhes interessa mais a televisão e os jogos de futebol. Outros, só lhes interessa a piscina para um banho no fim do dia. Aliás, isto toda a gente gosta para nos refrescarmos nos dias de calor.

VISITANTES — Neste tempo, aos domingos, há muita gente que nos visita e aproveita para nos deixar as suas ofertas.

Agradecemos a generosidade de todos os Amigos que vêm até nós, porque a gente vive da generosidade de toda essa gente. Obrigado.

Luís («Carocha»)

ESCOLA — Vão começar as aulas. No dia 8, a Primária. No dia 15, a malta do Ciclo Preparatório e os que seguem para a Secundária, e ficam no Lar do Porto.

FUGITIVOS — Nesta época, a nossa Casa tem sofrido



Oficina de carpintaria de Paço de Sousa.

fugas de alguns dos nossos rapazes: Márcio, Bruno, Quarresma e Anadia.

«Pitinha»

DESPORTO — Foi para muitos de nós, motivo de alguma tristeza, a época passada, ao sentir, e algumas vezes de que maneira, que nem sempre, todos estavam em verdadeira sintonia com esta ocupação, que é o futebol. Foi pena! No entanto, como a esperança é a última coisa a morrer, temos fé que a época de 2003/2004, que agora começa, possa ter um pouquinho mais (como é hábito dizer o nosso Padre Telmo) de compreensão, de diálogo e um nadinha mais de boa vontade para com todos aqueles que gostam desta actividade e a praticam livremente.

Aliás, uma Casa do Gaiato sem futebol, é como um jardim sem flores. E há tantas neste jardim de Paço de Sousa! Pai Américo, confirma isso mesmo: «Quase todos os Domingos temos aqui desafios de bola; são clubes de toda a parte que vêm jogar com os nossos, no nosso campo. É costume colocar um rapaz à porta principal, a receber as entradas para o que se dá a cada um o seu bilhete. No Domingo passado, Avelino designou o «Guilhufe». O «Guilhufe» é dotado de uma forte personalidade. Assim o mostrou na hora em que veio cá ter. Foi à noite. «Guilhufe» vinha só. Fala de cara levantada. Não choraminga. Pede-me para eu tomar conta dele, que a madrastra não o quer. «Não tenho quem me remende: olhe!» E mostrava os farrapos que o cobriam.

O «Guilhufe» é da carpintaria aonde trabalha mais seis. Barulho que se levanta, não faz minga perguntar — anda lá o «Guilhufe».

Pois este rapaz recebeu ordens do Avelino e um maço de bilhetes; e, por sua conta e risco, foi buscar um fueiro de dois palmos acima dele. Quando eu cheguei à porta estava o «Guilhufe», estava um maço de bilhetes, estava muita gente fora e, do lado de dentro,

estava o fueiro. Eu quis saber e, precisamente como há dois anos, o rapaz explica de cara levantada e uns grandes olhos fitos nos meus: «É que há por aí uns certos malcriados que querem fazer pouco da gente por sermos pequenos...!»

E continua a cortar bilhetes e a receber dinheiro dos bem educados.»

Hoje, não há bilhetes, não tem sido preciso utilizar o dito fueiro, mas é necessário continuar a ocupar os tempos livres dos fins-de-semana de muitos como o «Guilhufe», ocupá-los com algo que eles gostem (...), que pratiquem com alegria e com prazer. Só assim se pode considerar ocupação útil, agradável e proveitosa, como em anos anteriores.

Estivemos todos de férias. Houve tempo suficiente para que, muito embora individualmente, tivéssemos feito uma reflexão no que foi a época passada. E eu pensei... e de que maneira! É bom, que agora, possamos entender um pouco melhor, que o Desporto é necessário, e de mãos dadas, consigamos caminhar certos e no mesmo sentido, respeitando tudo e todos, porque o tempo dá para tudo e para todos!... É fundamental evitar divisões, para que possa haver paz e tranquilidade no espírito de cada um, para que tal como o «Guilhufe» de cara levantada, tudo façamos de boa-vontade e com alegria de viver e de estar nesta Casa que é de todos nós.

Alberto («Resende»)

MIRANDA DO CORVO

ESCOLA — As férias já terminaram e as aulas estão prestes a começar.

Depois destas férias grandes, os rapazes estão prontos para começar um novo ano lectivo, com força e vontade de triunfar.

Os rapazes que chumbaram vão esforçar-se para que passem, com facilidade, o ano

reprovado que lhes foi tão difícil. Os que passaram, continuaram a estudar para obterem melhores resultados no novo ano que vai começar.

OBRAS — Na parte central da Casa estão na fase final. Faltam uns acabamentos aqui e ali e também a pintura de toda a zona envolvida, que será feita por pintores profissionais, os andaimes estão montados e a tinta velha retirada, falta aplicar a nova cor para toda a obra ficar concluída.

As calçadas da zona nova e do Lar foram acertadas, pois ficaram desalinhasadas com as chuvas de tempos anteriores. Também as calçadas ao lado do campo de ténis e as da latada central foram endireitadas.

Eram para ser iniciadas obras no Lar de Coimbra para se fazer um salão de jogos para os rapazes se divertirem nas horas de recreio.

AGRICULTURA — O milho já foi despontado e desfolhado para as folhas secarem mais depressa.

Já se apanhou e comeu feijão verde e, esta semana, apanhou-se todo o feijão seco. Apanhou-se a batata e fez-se uma boa colheita.

As uvas pretas já foram, na maior parte, apanhadas e comidas, as uvas brancas continuam no seu lugar com muito bom aspecto. Agora, há algumas videiras para tratar com a ajuda da senhora Eulália e o Adriano, que são nossos amigos há muito tempo.

O tomate vai sendo apanhado conforme a nossa necessidade. Os nabos foram semeados e também com eles uma pequena quantidade de couves.

DESPORTO — Os rapazes retomaram os treinos, depois de estarem bastante tempo sem treinar. Agora, que começaram os treinos, aproveito para pedir a quem possa contribuir com material de desporto (ex.: equipamentos, chuteiras, bolas, caneleiras, etc.), e também aproveito para convidar equipas para nos defrontarem.

RAPAZES — O Renato, que viveu em nossa Casa bastante tempo, foi-se embora para junto da família.

Todos esperamos que ele se safe, pois tem capacidade de se tornar um homem.

O Manuel António fez as últimas provas globais para saber se passa o 12.º ano. Esperamos que passe e faça boas escolhas para a vida futura.

O Igor, o mais pequeno da Casa, aleijou-se no pé quando ia a andar de bicicleta com um rapaz mais velho, que se descurou e deixou o rapaz pôr o pé nos raios da roda.

Adriano

SETÚBAL

OBRAS — O Hugo e o «Barroso» andaram a pintar a parede da escola e da padaria. Enquanto não começam as aulas dos cursos profissionais têm muito que fazer.

LAR — Um grupo de rapazes esteve a fazer limpezas antes do início das aulas. A D. Isabel orientou os trabalhos, e ficará a tomar conta dos rapazes que vão para lá.

FUGITIVOS — Já há muito tempo que os não tínhamos. Agora, quatro rapazes resolveram fugir, mas no mesmo dia regressaram quando todos dormiam. Só um deles acabou por ficar.

ESCOLA — Os rapazes do 5.º e 6.º anos, no início de Setembro, começaram a estudar acompanhados do senhor professor Pedro, para assim irem bem preparados para as aulas. Também os da Primária estudaram com dois rapazes mais velhos. Um grupo de rapazes irá fazer um curso profissional de electricidade, a

RETALHOS DE VIDA

Lipe

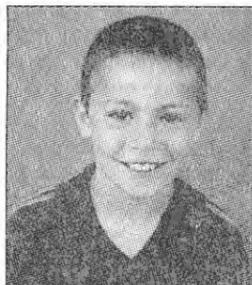
Eu sou o Luís Filipe dos Santos Barbosa. Nasci em 1993, na cidade do Porto. Sou conhecido por «Lipe». Ando no 5.º ano. Trabalho nos papéis.

No recreio gosto de ir jogar a bola. Gosto da Casa do Gaiato porque me tratam bem. Já cá estou há seis anos.

O meu melhor amigo é o meu padrinho — o Daniel. O meu clube favorito é o Benfica.

Quando for grande gostava de ser futebolista do Benfica.

Luís Filipe dos Santos Barbosa



SETÚBAL

Vida familiar

CHEGOU recentemente ao nosso conhecimento a indicação de uma instância pública, no sentido de que todas as crianças até aos 3 anos de idade, seriam retiradas das instituições que as acolheram. No nosso caso, não temos qualquer criança dentro desta idade. As que estavam conosco, já no-las tinham retirado os Senhores e as Senhoras que têm poderes para tal. Foram tempos dolorosos esses que passámos. Nada mais soubemos do paradeiro desses pequenos.

Embora a nossa Casa não tenha na sua existência, um fim em si mesmo, sentimos no entanto a falta, quando as não temos conosco, de crianças mais pequenas, ou não fosse o nosso modelo de vida, o familiar.

As crianças mais pequenas na família, são o encanto dos irmãos mais velhos e o objecto da ternura dos adultos. Para estes, são também um leni-

tivo para vencer os desencantos da vida e um motivo de esperança para trabalhar por um futuro que se quer melhor.

O Igor, é o nosso mais pequenino. Com a responsabilidade de o acompanhar de perto, tem o Tiago, 4 ou 5 anos mais velho, que descobriu na sua função, uma nova forma de estar entre nós. Gosto de o ver à mesa, com os restantes «Batatinhas» à sua volta; e do zelo com que cuida de cada um, com um sentido de responsabilidade e seriedade que me faz ver nele o chefe-pai, que há-de ser o modelo para exercer a chefia, pelos nossos rapazes. Nós fazemos das necessidades que a vida nos traz, uma oportunidade para todos crescerem.

Vezes sem conta, encontrámos crianças que nos pedem para acolhermos, que andaram de mão-em-mão até chegarem a nós. Foram certamente

tentativas para lhes dar estabilidade e condições boas para o seu crescimento, mas não resultaram. A família, nestes casos sempre adoptiva, é sem dúvida o melhor remédio para curar estes males. Mas não haja ilusões: Se a família natural falhou, por vezes nunca existiu, outras que se propõem adoptar também poderão falhar, ainda mais ajudadas pelo ambiente social em que vivemos actualmente. Este falhar, tem mais a ver com o terminar uma missão que não se concluiu.

São muitos os que trabalham neste mundo da criança sem família estável ou abandonada; importava também que se promovesse a responsabilidade, ao contrário do que fazem os ávidos do dinheiro, que semeiam irresponsabilidade aos sete ventos.

Na mentalidade reinante, promove-se a ideia de que tudo é permitido; mas havia de se perceber que nem tudo convém. Se isto é verdade no viver da sociedade, também o é na resolução dos problemas da criança que não teve a sorte de ter uma família. O andar de mão-em-mão, não é com certeza o melhor que se lhe pode dar.

Padre Júlio

Praticando o Bem

Continuação da página 1

Há, no entanto, outros imigrantes ao nosso lado mesmo sem serem estrangeiros. Vieram de regiões diferentes e arrastam vidas dolorosas.

É o caso daquela abandonada do marido que, com cinco filhos pequenos a seu lado, deu à luz mais uma menina.

Há muito que lhe acudo, e nos últimos quinze dias da sua gravidez veio, de novo, pedir auxílio.

Passei um cartão à D. Selene para que lhe desse mercearia com abundância.

Levou.

À tarde, apareceram duas mulheres com o mesmo cartão.

Deus guarda-nos.

A senhora desconfiou e veio mostrar-me o documento.

Às mulheres corri-as logo, e, à pobre, disse que nunca mais.

— Mas pode lá ser?

Nas vésperas de dar à luz telefonou-me que não tinha nada para os filhos.

Eu, bravo: — Nunca mais, não lhe dou mais nada.

A gente tem de fazer estas fitas, mas o coração doía-me que se fartava.

Ela não desanimou! — Quem me dera ter assim confiança em Deus! Quem me dera!

Os Pobres dão-nos grandes lições.

Ele está sempre pronto a perdoar e a gente não se apercebe.

Escreveu um bilhete e mandou-o pelo filho mais velho dizer que tinha deixado o papel no carro em que as mulheres a transportaram e se havia esquecido... Não acreditei... Mas fingi.

partir do 7.º ano, no Centro de Formação Profissional.

OFICINAS — Os rapazes já começaram a trabalhar e alguns novos também foram. O André foi para a carpintaria. O António Loureiro para a tipografia e o «Paisinho» para a serralharia. Esperamos que gostem do novo trabalho.

Pedro Gomes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Faz, em 30 de Setembro, 19 anos que o nosso Padre Telmo nos convidou a reactivar a Conferência do Lar do Gaiato e, como nota de abertura, foim-nos dizendo umas palavras de entusiasmo.

Os objectivos das nossas reuniões, em jeito de balanço, têm sido as nossas visitas, nunca esquecendo o pensamento de Pai Américo, que viveu toda a sua vida dedicada aos Pobres.

Segundo o seu pensamento, devemos ter sempre uma pala-

vra de conforto para com eles, é, sem dúvida, a palavra da Igreja, pilar fundamental para uma vocação vicentina.

Temos de reconhecer que quando nos encontramos de visita com o irmão mais carenciado, ou tratando de qualquer problema do seu visitado, temos de ter em mente o fazermos em nome do Senhor.

Nas visitas que nós efectuamos, vamos sempre com o espírito de dar um pouco de carinho e compreensão. Também como missão saber escutar e aconselhar o caminho mais correcto, isto porque eles gostam que os saibamos ouvir e os tratar como seres humanos, só que tiveram a infelicidade da sua vida ser complicada e, por vezes, não a sabem ultrapassar.

Senhor, ensinai-nos a saber ouvir o caminho da verdade e do amor. Ajudar os nossos irmãos mais necessitados a exercer a caridade para com o seu semelhante. Fazer nascer neles a palavra do Evangelho, para que em conjunto saibamos ouvir e transmitir a Palavra do Pai, para que possamos beneficiar da união e da experiência — é um dos objectivos principais das Conferências Vicentinas.

O QUE NÓS RECEBEMOS — Cinquenta euros, de Francelina. Amiga de Fiães, sempre com palavras de conforto e um donativo.

Contamos sempre com a

vossa ajuda. Queremos manter sempre os nossos compromissos para com os nossos irmãos, mas, para isso, aguardamos a vossa generosidade.

Casal vicentino

Correspondência dos Leitores

«Cheque para a minha assinatura do Jornal. Agradeço, do fundo do coração, os ensinamentos que ele nos transmite, mas ainda não consegui o desprendimento das coisas materiais. Procuro ser um bocadinho de anjo da família, mas a carne é fraca. No entanto, vou continuar a tentar, pois vós sois, para mim, um bom exemplo. Grata por tudo.

Assinante 18146».

«Sinto vergonha pela explicação que tenho que dar a seguir, mas faço-o, sobretudo, para me penitenciar pela demora no envio do cheque que junto.

Alguns membros da nossa família decidiram, pelo Natal, abster-se de oferecer algumas lembranças e oferecer esse valor para a Casa do Gaiato, que a todos merece a maior estima.

Assim, embora tardiamente, junto um cheque para que utilizem como entenderem.

Peço o favor de me enviarem apenas um recibo, no valor de cem euros, importância que me foi confiada para entregar à vossa Obra e cujo valor vai incluído no cheque.

Assinante 22971».

Malanje

Continuação da página 1

Não aguentei mais e deixei-me vencer, outra vez, nesta luta de corpo-a-corpo.

Alguns pais perderam todos os bens para libertar os filhos da droga e, tantos, não conseguiram... Muitos filhos preferem as bolotas e não regressam mais ao carinho dos pais...

Recordo, de novo, aquela mãe que todos os dias sobe ao primeiro andar para limpar o pó e alisar as camas nos quartos dos filhos — na esperança da hora do regresso.

A luta na batalha difícil que, talvez ela, virá a vencer!

É mais difícil a nossa vitória. Falta a ternura filial e o poder imperioso da paternidade. Procuremos suprir. Vamos tentar.

Padre Telmo

DOCTRINA



Migalhas do Povo!

CONTINUANDO a falar de sardinhas e da maneira como a gente as come, vem a propósito contar de como foi o jantar de ontem. Foi assim: O Constantino cozeu uma enorme panela de batatas e o Carlos fez uma caldeirada de trás-da-orelha. Vieram os dois panelões para o refeitório. Luciano servia batatas e o Constantino, sardinhas. Os pequeninos serventes vinham com um prato em cada mão e nomeavam, para serem servidos consoante tamanhos e idades. Ora a graça toda está aqui: é que eles não dizem o nome, mas sim alcunhas. «Este é do 'Santinho de pau' e este é do 'Mãezinha'», ouvi eu dizer a um dos serventes quando apresentava os pratos! Quem vem a ser este «Santinho de pau»? É um rapaz que ainda não perdeu de todo o semblante da antiga pedincha e faz carinha piedosa, de cabeça inclinada, quando pede aos companheiros qualquer coisa; daí vem o «Santinho de Pau».

MAIS, do Estoril, uma caixa com 70 pentes. Bem-haja quem assim se lembra de nós. Outro presente, muitíssimo apreciado e útil, foi um dos sabonetes pequeninos, coloridos, muito aromáticos. Os nossos catraios resendem muito. Figos do Algarve! Quem nos manda ceira deles? Temos tantos assinantes naquele reino, mas parece que não sabem ler ou não lêem o «Do que nós necessitamos!»! Dão óptimas merendas!

Acto de fé

CONFESSO e acredito, eu mesmo, que «ainda que eu fale todas as línguas, saiba todos os mistérios, tenha toda a ciência; mesmo que eu haja distribuído todos os meus bens pelos Pobres e por amor deles padeça trabalhos — se não tiver Caridade, nada disto me aproveita».

Não, certamente, a caridade das festas, mas sim Aquela mesma que o Apóstolo definiu como sendo «benigna e paciente; que tudo crê, tudo espera, tudo desculpa, tudo sofre; que não é ambiciosa, não busca os seus próprios interesses, não suspeita mal de ninguém, folga com a Justiça e alegra-se com a Verdade».

Aquela que é o mesmo amor do próprio Deus em nossos peitos, a queimar vidas, a rasgar clareiras, a irradiar amor.

Aquela, finalmente, que não é uma cerimoniosa recordação do amor do Próximo, antes é o Amor em acção. Confesso e acredito, eu mesmo, que, se não tiver esta Caridade, nada sou.

(Do livro Pão dos Pobres — 4.º vol.)

BENGUELA

Espaço privilegiado

HOJE é o aniversário do nascimento da Mãe, 8 de Setembro. Sabeis por onde andei? Pela maternidade de Benguela. Não por causa de qualquer visita oficial; sim por causa dos filhos e das mães que precisam de ajuda para nascerem com vida e para não morrerem por causa dos filhos. É impressionante a mortalidade materna e infantil. A nossa carrinha vai muitas vezes, ao ano, à maternidade, como ambulância. Também me toca, por vezes, estar de serviço como motorista. Já se habituaram a ver por lá o padre da Casa do Gaiato.

Os bairros suburbanos estão ainda muito abandonados. As pessoas recorrem à nossa ajuda em casos mais graves, a qualquer hora do dia e da noite. Como têm medo do hospital, ou por falta de esperança na cura ou porque não têm dinheiro para pagar a taxa estabelecida e para os medicamentos, ficam em casa até à última hora. Daí a grande percentagem de mortes. Quanto trabalho a fazer! A área da assistência e da saúde é uma grande seara à espera de trabalhadores. O coração das pessoas é extraordinariamente sensível e agradecido a todo o apoio neste campo da vida humana.

Sempre que tenho oportunidade de dizer, falo deste campo privilegiado da cooperação entre Portugal e Angola. Entre o governo de Portugal e Angola. Entre o Povo de Portugal e o Povo de Angola. Boa parte da ajuda que recebermos vai para a assistência médica e medicamentosa. A vitória sobre a morte é fruto da técnica, sem dúvida. Quantas vezes, porém, a força do amor verdadeiro é um factor decisivo!

Estou a lembrar-me, neste momento, do dia de anos da Mãe, daquela outra mãe, grávida de sete meses, cujo bebé deixou de dar sinais de vida. Foi ao médico pela nossa mão. Aconselhada a ir à maternidade, pôs-se a caminho no assento da nossa carrinha. Outras aproveitaram a boleia. Fiquei, alguns dias, sem a ver. Qual não foi o meu espanto ao encontrá-la no trabalho, no meio das suas

companheiras. Que se passara? O bebé estava morto, era verdade. Necessitava de uma raspagem, mas era preciso dinheiro. Veio-se embora, porque não tinha dinheiro, e não me disse nada. Voltámos de imediato, ela mais eu. Não saímos da maternidade até que todos os exames possíveis fossem feitos. Está a ser tratada. A esperança voltou e com ela também a alegria.

A técnica estava lá. Faltava, porém, o fac-

tor decisivo: A força da Caridade. Quanto bem podes fazer se abrires o teu coração de homem ou mulher, jovem ou mais velho, criança ou adolescente. Neste mundo de pessoas que está a erguer-se dos escombros provocados pela guerra são precisas todas as mãos para dar e, porque não?, para receber muito mais.

A propósito do dar gratuitamente e receber muito mais, estou a ver um grupo dos meus meninos, numa roda, com o mais velho no meio. Estão a treinar, dizem-me. Na verdade, há uma bola a rolar do centro para os pés de cada um, um vai-vem contínuo. Nesta experiência pequenina, mas muito viva, sinto o crescimento de todos pela força da partilha. O mais velho, o que

pode e sabe mais, dá aos outros. Cada um retribui o que recebe. O conjunto fica mais rico. Nenhum perde o que quer que seja. Não é verdade que, muitas vezes, fechamos porque, quando damos, temos medo de perder? E saímos mais pobres.

No dia do aniversário da Mãe lembro todas as mães que, sem olhar ao sacrifício das suas vidas, são tudo para os seus filhos. E, sobretudo, dão-se. Não te esqueças, mulher, que tens coração de mãe. Não são teus filhos apenas os que nasceram do teu ventre. O teu amor de mãe alarga a tua família à dimensão dos filhos que não têm mãe, mas «não perderam o gosto de a ter». Também estão em Angola.

Padre Manuel António

TRIBUNA DE COIMBRA

A tradição dos peditórios

TODOS os anos por esta altura cumprimos a tradição dos nossos peditórios. E, este ano, também não falhámos. Na Praia de Mira, no Luso e na Figueira da Foz. Ali estivemos. E, como sempre, acolhidos com muita simpatia e acarinhados por todos, a começar pelos Piores das Paróquias. Pregámos a Palavra de Deus que em Jesus Cristo se tornou Pão de Vida Eterna, Fonte de Água Viva para quem Lhe abre o coração e O deixa entrar na sua vida. É maravilhoso este mistério da Palavra. Quem nos dera tempo e possibilidade de ir por aí fora pregar o Evangelho vivo. Percebemos que anda muita gente à procura de razões de viver, de quem Lhe abra clareiras na floresta densa desta sociedade. Belos são os pés que anunciam a paz e as boas notícias. O Evangelho de Jesus Cristo é a Boa Notícia da paz e do amor de Deus aos homens.

Mas uma Casa do Gaiato, com as suas permanentes preocupações, prende-nos. Mas é por causa dela e daqueles que nela vivem em família que nós vamos também. Assim, o nosso «pedir» é também um apelo à partilha dos bens materiais, partilha que abre a muitos uma melhor compreensão da sua vida e dos seus problemas. A partilha gera comunhão, afasta a solidão e exorciza o egoísmo.

O nosso «pedir» é também uma necessidade para fazer face ao dia-a-dia. A manutenção e reestruturação da Casa é despesa de todos os dias. Há pouco, foi a reconstrução da piscina que ficou um espaço muito agradável para os tempos livres dos Rapazes. As obras no edifício histórico da Casa estão também na sua fase final,

mas levam muito dinheiro. Na altura em que escrevo, a uma semana de começarem as aulas e reabrir o nosso Lar de Coimbra, ouço as máquinas de obras. São os pedreiros que andam a ajustar a cave que estava ao abandono para fazer dela um espaço de ocupação, de recreio, para os tempos livres dos Rapazes, que este ano, ali, serão cerca de 35. Qualquer pequena intervenção em termos de obras fica cara. Os dias que correm são de alguma dificuldade para toda a gente. Não duvidamos porque Deus não falha e a partilha generosa dos amigos da Obra da Rua manifestam essa realidade. Um sinal disso mesmo: o peditório na Igreja de São Julião, na Figueira da Foz, somou oito mil setecentos e cinquenta euros. Belo sinal de generosidade todos os anos repetido. Outros sinais pequeninos se somam: O nosso Zé Domingos que reside na Figueira da Foz todos os anos nos oferece o almoço, que ele e a mulher amavelmente confeccionam. A todos estamos gratos e Deus não se deixa vencer em generosidade.

Padre João

PENSAMENTO

Não faças da tua fortuna mirante de gozo.

PAI AMÉRICO

O Banqueiro dos POBRES

TENHO dificuldade na ordenação das ideias para sintetizar sem confundir o projecto do Doutor Muhammad Yunus, aliás, hoje, uma realidade que ultrapassou as fronteiras do Bangladesh e impressiona e motiva acções semelhantes em outros mundos onde a pobreza não será tão extrema, mas continua espinho cravado em muitos povos, se calhar, um pouco que seja, em todos.

«É assim...», servindo-me da expressão dos nossos rapazes quando querem expor algo de importante para eles: Os Bancos emprestam a quem tem, defendidos por fortes garantias que tornam quase absolutamente certa a restituição do valor emprestado e respectivos juros. Ora, há muitas pessoas que não encontram resposta no mercado de trabalho pelas mais diversas razões, mas «possuem saberes e capacidades produtivas que lhes permitiriam criar o seu próprio posto de trabalho — uma micro-empresa». Mas como dar crédito a quem não o tem?...

Naturalmente, a entidade emprestadora não encontrará outra fonte de informação que não seja o próprio necessitado; em volta só lhe falarão da sua miséria, de um caos de vida. Tem, pois, de ir até ele, conhecê-lo, as suas capacidades e um projecto compatível; e principiar, quase sempre, por ajudá-lo a readquirir a auto-estima sem a qual não serão despoletadas as energias indispensáveis para o empreendimento.

O GRAMEEN, o Banco de que o Doutor

Yunus teve a inspiração, é ao contrário dos outros. O seu objectivo de *marketing* não está posto numa clientela de bens valiosos, capaz de grandes movimentos financeiros, mas dirige-se aos mais pobres dos Pobres para os convencer a acreditarem em si próprios e a pedirem um empréstimo proporcionado à micro-empresa ao seu alcance, como princípio de libertação da miséria.

Encontramos nesta postura um espírito vicentino, tal o que foi inspirado a Ozanan e que dá vida, vai em dois séculos, à Sociedade de São Vicente de Paulo: Ir ao Pobre com a *ambição* de ajudá-lo a levantar-se e caminhar por si mesmo, ainda que, no começo, a acção passe, e tantas vezes se demore, no esforço de mitigar carências imediatas.

Aliás, é este, para mim, o ponto mais misterioso do GRAMEEN BANK: Misterioso no sentido de uma interrogação de que fica sempre um resíduo; e na acepção de maravilhoso, porquanto a paixão do Doutor Yunus teve de contagiar os seus numerosos colaboradores (Tenho pudor em chamar-lhes funcionários!), para que o GRAMEEN fosse como é — o Banco dos Pobres. Maravilhoso pois!, porque sabemos quão difícil é pôr em marcha um empreendimento que exige dos que nele estão comprometidos, um alto investimento da sua própria vida, para que outros homens, caídos nos mais rasteiros níveis de humanidade, possam resurgir deles para outros em que a suficiência e dignidade dêem já sinal de presença.

Quando à formação destes colaboradores, ouçamos alguns princípios do próprio Doutor Yunus:

«— O nosso sucesso não tem segredos, mas não há dúvida de que uma das explicações para isso é o trabalho árduo e a dedicação dos nossos funcionários.

— Aqueles que não têm qualquer experiência profissional anterior são os preferidos. (...) Acreditamos que a motivação e a lealdade se desenvolvem mais quando o nosso pessoal faz toda a sua carreira conosco. (...) Se contratássemos “especialistas”, o mais provável é que colocaríamos as mesmas questões de sempre, usariam os mesmos instrumentos e chegaríamos às mesmas conclusões do passado, talvez verbalizadas de forma diferente.

— A nossa formação é simples, mas dura e rigorosa. Simples porque consiste fundamentalmente na auto-aprendizagem. Acharmos que as aldeias do Bangladesh podem ensinar aos jovens mais acerca da vida do que qualquer livro. (...) Assim os formandos descobrem por si próprios o que é o GRAMEEN observando os outros a gerir uma das nossas filiais. (...) Durante estes seis meses no terreno, o jovem universitário confronta-se, pela primeira vez na vida, com a realidade do seu País. (...) Acima de tudo, apercebem-se de que todo aquele trabalho árduo produz resultados. Não se trata de uma promessa de mudança num futuro longínquo. É ali mesmo, e agora, frente aos seus olhos.

— Contrariamente aos funcionários dos Bancos comerciais, os nossos trabalhadores são, acima de tudo, professores. (...) Eu sou professor por opção. Muitos dos funcionários do GRAMEEN foram meus alunos na

Universidade de Chittagong — e fico contente por eles me verem mais como professor do que como patrão. Com o patrão temos de ser mais formais, mas com um professor o relacionamento é mais espiritual.

— Explicamos claramente aos nossos formandos que o nosso objectivo prioritário é as pessoas e não as regras ou métodos. (...) Que a pobreza é o maior problema com que se defronta actualmente a Humanidade. (...) E que acreditamos firmemente que não há problemas sem solução. De facto, até pode haver várias soluções e a nossa tarefa é escolher a melhor.»

O dia destes trabalhadores é cheio: Às 7 horas estão na filial do Banco, pegam na sua bicicleta e vão reunir-se com grupos de clientes, em regra três encontros cada manhã.

Às 12 horas voltam à filial a pôr em ordem a escrita do que fizeram.

Às 14 horas, após a pequena pausa para almoço, procedem com o gerente da filial à redistribuição dos fundos recebidos de manhã e registam os dados desta operação.

Às 17 horas visitam um centro onde encontraram mais dificuldades ou organizam um programa educacional para crianças (Pois! «É de pequenino que se torce o pepino»!).

E às 19 horas regressam à filial, arrumam algo do dia que esteja ainda pendente e terminam o seu dia de trabalho: Doze horas com pequeninos intervalos!

Vida cheia! Quando a motivação do trabalho é a Justiça procurada pelo amor, com amor, um horário árduo como este não assusta... e não há mais tempo para contestações.

Padre Carlos